



4º Domingo depois de Pentecostes – (12.06.05) Próprio 6

O texto do Êxodo salienta a iniciativa de Deus para a salvação precede ao Pacto ou aliança e a resposta pronta e decidida do povo. A Carta aos Romanos nos apresenta a anterioridade da graça à fé demonstrada na sua criatividade na ressurreição de Cristo, em quem o seu povo se gloria. O Evangelho proclama Jesus que acolhe os excluídos e envia seus discípulos a cuidar dos sofredores e os vulneráveis. Assim, as três leituras nos proporcionam a oportunidade de falar sobre Deus e seu povo.

1ª leitura: Êxodo 19.2-8a

1º. Comentário - Mais uma vez Deus chama seu povo à obediência. Ele demonstrou sua grande força e poder ao tirar os israelitas do cativeiro egípcio. Foram mais de quatrocentos anos de escravidão, trabalhando sem salário, humilhados, despojados de sua dignidade, sem esperança nem perspectivas. Deus agora levanta um homem capaz de libertá-los e conduzi-los à liberdade, estabelece uma aliança com eles e dá-lhes a possibilidade da construção de uma nova realidade.

Chegando ao deserto do Sinai, os filhos de Israel acamparam diante da montanha enquanto Moisés subia ao monte para ouvir as palavras de Deus. Ele faz com que Moisés lembre a dura saída do Egito e mostra-lhe como puniu o inimigo, carregando Israel com asas de águia até o aconchego de sua presença.

Deus quer estabelecer as bases para uma nova realidade – Um governo onde a justiça se faça presente e onde a opressão não tenha lugar. Para isso é necessário preparar o povo, eles precisam se acostumar com a nova economia que se anuncia. O primeiro passo para a nova sociedade é a obediência. Submissão incondicional aos valores do reino de Deus. Javé quer um povo exclusivo, capaz de expressar sua santidade, um reino de sacerdotes e profetas profundamente envolvidos no seu projeto.

A vontade de Deus é que ele próprio seja o legislador do povo, seu desejo é criar um sistema onde a única autoridade sobre o povo seja ele. O povo deverá viver de acordo com a justiça e o direito e a construção da paz deverá ser algo constante.

Após ouvir o relato de Moisés depois que desceu do monte o povo ficou sensibilizado e todos se comprometeram a seguir ao Senhor: "Faremos tudo o que Javé mandou". (Rev. Haroldo Mendes)

2º. Comentário - Há algumas questões litúrgicas nesse texto. Após a libertação, Moisés foi chamado para subir a Deus (vs.3). No Livro de Apocalipse João é chamado a subir à presença de Deus pelo poder do Espírito Santo.(4.1) Na Liturgia estamos na presença de Deus confiando na sua promessa: estarei convosco. No presente, com base no que Deus fez oramos, damos, graças, fazemos súplicas e intercessões. No texto em questão, Deus fala na forma de celebração do que ele já fez em favor de Israel.



Vs.4 - Enquanto o povo destinatário da mensagem era escravo no Egito, Deus agiu de modo extraordinário e gracioso para resgatá-lo da fraqueza trazê-lo para junto de si. A metáfora aplicada a Deus é de águia-mãe, que cuida de seus filhotes. A descrição mais plena da águia-mãe se encontra em Deuteronômio 32.10-12. Aprendamos aqui que, muitas vezes, a Bíblia recorre à figura feminina para falar em Deus. (MOLLENKOTT, Virginia Ramey, em sua obra *The Divine Feminine, The Biblical Imagery of God as Female*.)

Vs.5-6 - Do memorial o texto vai para a promessa passando pelo condicional: "Agora se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis a minha propriedade peculiar... sereis reino de sacerdotes e nação santa". Entre toda a ação de Deus em favor da libertação e a promessa de ser povo e nação mediador do propósito de Deus Santo está a condição de ouvir a voz divina e guardar a aliança com Ele, isto é, entregar-se ao seu serviço. Ouvir é obedecer, e obedecer não significa entrega cega à "letra" do memorial ou à voz codificada, mas dar ouvidos à voz viva e presente que se faz ouvir através do memorial. Na liturgia, a oblação não vem depois do memorial? E a oblação de nós mesmos não implica em compromisso com a missão de Deus?

Vs.6 - Reino de sacerdotes e nação santa. Aqui há a junção daquilo que diz respeito à organização de um povo ou uma cidade com vistas à convivência humana (reino e nação) e a mediação do Deus Santo e do seu propósito para com a humanidade. Sendo a mediação do Deus totalmente outro em amor, esse povo deve se distinguir de outros povos e nações em questão do exercício do poder e da forma de relacionamento entre seus membros. Também o serviço sacerdotal da comunidade tem a ver com a adoração, louvor e ação de graças.

Vs.8 - A chamada de Deus para o serviço com a base no que Ele fez não é uma "imposição", embora seja de muito peso e responsabilidade. É algo que acontece entre a graça motivadora, ação de Deus, a promessa, proposta de ser o seu povo e todo um processo de ouvir a sua voz. No "ouvir" está o que é contrário à "imposição": tudo o que o que Senhor falou faremos". O ouvir tem referência inevitável à memória-esperança (Escritura) e à situação. O elo último entre essas referências é o Espírito Santo. Dando um salto a 2Co 1.20, em Jesus Cristo temos esse Sim de Deus (a anterioridade) e o Amém (o compromisso) para a glória de Deus. (*Dom Sumio Takatsu*)

2ª leitura: Romanos 5.6-11

Uma das palavras mais desconhecidas do jargão teológico é expiação. Esta palavra tem sido usada sem que muitas vezes tenhamos a real noção do que ela significa. O *Dicionário Crítico de Teologia* nos diz que, falando historicamente, a interpretação mais difundida do que seja expiação, fala da substituição do culpado por uma vítima inocente que sofre a morte em seu lugar. Dentro do contexto teológico-cultural no qual Israel foi criado e se desenvolveu, esta noção de expiação assumiu uma importância muito grande. Tanto foi assim que quando Paulo nos fala da morte de Jesus por nós, ele a coloca como uma morte expiatória, a fim de que os judeus tivessem a real dimensão do seu significado espiritual. Pois bem, é sobre isso que trata o texto da Epístola de hoje. Pensando nisso gostaríamos de falar hoje sobre a



morte expiatória de Jesus. Com base neste texto da Epístola, podemos dizer pelo menos três coisas sobre a morte expiatória de Jesus.

Em primeiro lugar, este texto fala de seus alvos (v. 6). De acordo com o texto de Romanos, há duas formas de qualificar aqueles que são os alvos da morte expiatória de Jesus. No topo da lista estão os "fracos" (v.6). tem sido comum interpretar essa "fraqueza" como uma fraqueza moral, isto é, mesmo quando ainda estávamos sob a influência de outros paradigmas éticos e morais, Jesus já nos amava. Seu amor e sua morte expiatória veio sobre nós independentemente de quem éramos ou do que praticávamos. Em seguida Paulo usa a palavra "pecador" (v. 8). Mesmo quando ainda éramos pecadores, Deus revelou seu amor por nós. É surpreendente perceber que entre os versos 6 e 8 aparecem nada mais do que quatro vezes a palavra "por", indicando "em lugar de", "em favor de", "em benefício de", etc. não importa a nossa condição. Seja ela a de um fraco moralmente ou de um reles pecador, a Boa-Notícia é que Jesus nos ama e se oferece por nós para nos resgatar de uma forma errada de viver para a vida em abundância.

Em segundo lugar, sua extensão. (9, 10). Depois de falar sobre quem seriam os alvos da morte expiatória de Cristo, Paulo nos fala agora sobre a extensão desta expiação. Em que ela implica? De acordo com nosso escritor, a expiação realizada por Jesus implica em duas grandes conseqüências para aquele que nele crê. A primeira conseqüência é a justificação. Ser justificado é ser "declarado justo". É ter perdão de todos os débitos no tribunal divino. E isso nos é dado "pelo seu sangue", ou seja, por meio de sua morte em nosso lugar. Em conseqüência desta justificação, somos "salvos da ira", referência ao dia do juízo, onde o tribunal de Deus julgará a todos. A segunda conseqüência que revela a extensão da expiação de Jesus, é a reconciliação (v. 10). Segundo este texto, a conseqüência lógica de nossa justificação e de nossa aproximação de Deus, é a reconciliação. Na linguagem de Paulo, estávamos como que "brigados" e "separados" de Deus, por causa de nossas escolhas. Mas, por meio da expiação somos novamente trazidos à presença de Deus e reconciliados com ele.

Em terceiro lugar, este texto nos fala de suas conseqüências (v. 11). Uma vez que por meio da expiação fomos justificados e reconciliados com Deus, quais as grandes conseqüências disso para nossa vida prática? Paulo nos fala de uma grande conseqüência: o gozo, ou seja, a alegria. Para ele agora, "nos gloriamos em Deus, por meio de quem recebemos a reconciliação". Esta "glória" (v. 1, 2) de que fala Paulo é a alegria que permanece mesmo quando há tristeza ou sofrimento. Não importa as lutas que passamos, temos a certeza definitiva de que nada poderá nos separa do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor. (Rev. Jorge Aquino)

Santo Evangelho: Mateus 9.35-10.8

A perícopes se inicia com um olhar panorâmico e sintético sobre o ministério de Jesus e prepara o caminho para o segundo grande discurso de Jesus que se refere ao apostolado. O evangelista nos informa de que uma das motivações de Jesus era a compaixão por seu povo. E esse povo é caracterizado como "cansado", "fatigado", "prostrado" "abatido" (BJ), "exausto" (TEB), como "ovelhas sem pastor". Essa é uma



imagem comum no AT (Jr 23, Ez 34) que lembra o abandono do povo mais simples por parte daqueles que são seus líderes.

Essa motivação de Jesus deve ser a mesma para nós hoje quando voltamos os nossos olhos para o mundo que nos rodeia. Não será difícil identificar na própria comunidade, pessoas que se sentem assim: desprotegidas, exaustas, cansadas, por se sentirem impotentes diante de tanta injustiça ou mesmo por serem vítimas diretas da iniquidade que domina o mundo ou ainda pelo cansaço de quem se sente na obrigação de trabalhar mais do que o normal para manter certo status.

É nesse contexto que Jesus escolhe os doze e lhes dá autoridade para exorcizar os maus espíritos e curar as enfermidades. Esses são aspectos do ministério apostólico que não podem ser negligenciados na vida da Igreja. Nosso mundo, apesar de todo progresso e desenvolvimento, continua infestado por todo tipo de superstições e credices. E em muitos casos, essas são alimentadas pelos próprios grupos cristãos. Muitas comunidades cristãs não percebem que fazendo isso, ao invés de "exorcizar maus-espíritos", contribuem ainda mais para o aumento das neuroses e debilidades psíquicas e religiosas que tantos males causam ao nosso povo. A melhor forma de realizar o ministério de exorcismo e cura hoje é justamente desmistificar a imagem do diabo que permeia o imaginário popular. Por isso, a advertência de Cristo continua atual: "expulsai os demônios". Não percamos tempo alimentando tais superstições. Agindo assim estaremos contribuindo também com o ministério da cura física e psíquica de muita gente.

A proibição de ir aos gentios (v.7) é omitida por Marcos e Lucas por motivos óbvios: ao contrário de Mateus, que escrevia para judeus, Marcos e Lucas escreviam para os gentios já alcançados na época. O mais importante aqui não é tecer considerações teológicas sobre os motivos que levaram Jesus a direcionar o atendimento exclusivamente aos judeus. É mais oportuno fazer outra leitura: Jesus estava interessado primeiramente no seu povo, em atender ao seu círculo mais íntimo. Isso é importante para frisarmos que a missão se desenvolve primeiramente em âmbito local. De pouco adianta as paróquias se preocuparem apenas em abrir missões em outras cidades se primeiro não derem atenção às necessidades do seu bairro, da sua localidade, do seu contexto.

A mensagem que Jesus entrega aos seus embaixadores é simplesmente o "Reino dos céus" (termo usado exclusivamente por Mateus como paralelo a Reino de Deus). Não é uma mensagem institucional. Não é pregação de cristandade, mas da soberania de Deus. Novamente aparecem belíssimas palavras que merecem ser redescobertas: o ministério da cura (restauração da saúde e reintegração à vida social), a ordem de "ressuscitar os mortos" (devolver a alegria da vida a quem já perdeu todas as esperanças), "purificai leprosos" (declarar puros aqueles que eram considerados amaldiçoados por Deus ou "impuros" pelo sistema religioso de então). Essa é a mensagem graciosa do Evangelho, que não é vendida, mas entregue "de graça", tal como a recebemos.

Finalmente, a perícopes conclui advertindo os apóstolos e a nós a que não nos preocupemos com o acúmulo de bens ou com a ganância. A missão não pode ser feita visando lucros pessoais ou institucionais. (*Rev. Carlos Eduardo B. Calvani*)